

Emigração, Identidade, Educação: Mitos, Arte e símbolos Lusitanos¹

Alice Tomé²
Teresa Carreira³

O fenómeno da emigração na Europa está de tal forma a preocupar todos os países que sistemas de controlo transnacionais estão a desenvolver-se para reduzir as redes de tráfico que assolam os diferentes países, e, fala-se já da nova escravatura do século XXI.

Analisando a trajectória das diferentes correntes da emigração portuguesa, ao longo dos tempos, o nosso estudo dá conta das transformações operadas na sociedade portuguesa nas últimas décadas devido ao processo de democratização e de desenvolvimento do país, a todos os níveis: económico, cultural, social e científico. A participação dos emigrantes nesta onda de mudança não pode ser ignorada. Foi a partir deste ângulo que fizemos a nossa investigação empírica sobre a temática aqui apresentada e que, recentemente, deu origem à obra: MITOS ARTE EDUCAÇÃO. Monumentos ao Emigrante em Portugal. A análise deste novo fenómeno social inclui-se num corpo de trabalhos sobre emigrações que temos vindo a desenvolver há mais de duas décadas

A humanidade emergiu há milhões de anos e o homem foi-se deslocando, emigrando e aventurando. As grandes migrações são tão antigas como o homem. Por toda a parte os nomes e apelidos de matriz portuguesa atestam a passagem de grupos lusos desde há cerca de seis séculos e a frase de Camões: «E, se mais mundo houvera, lá chegara⁴.» continua a ser uma realidade actual.

Tanto os orientais como os ocidentais possuem os seus mitos e são estes que alimentam o imaginário social e cultural dos povos. O emigrante constrói o seu imaginário com múltiplas representações nacionais e universais.

A identidade individual assenta no pensamento e na maneira de ser da identidade colectiva. O enraizamento identitário numa comunidade não é uma herança que o indivíduo recebe ao nascimento, mas sim o reflexo da mentalidade, dos vícios e das virtudes próprias ao grupo.

Socializar, educar, é um acto moral e global; é construir valores individuais, colectivos e societários. Que representações, que mitos circulam numa sociedade multicultural, cada vez com menos fronteiras e com rápidas mudanças no sistema de valores morais, políticos, intelectuais e educacionais?

Apesar da emigração portuguesa contar com séculos de história, nunca os portugueses tinham levantado Monumentos aos Emigrantes para os homenagear

¹ Esta problemática foi apresentada, por Alice Tomé com o tema: Emigração, Educação e Mitos recentes na paisagem portuguesa e por Teresa Carreira com o tema: Identidade, emigração, educação. Mitos e símbolos lusitanos, no IV Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia (APS) – *Sociedade Portuguesa: passados recentes e futuros próximos*, realizado na Universidade de Coimbra, 17 a 19 de Abril de 2000. A reflexão aqui exposta, embora repensada e reanalisada, à luz do pensamento que quisemos transmitir no IV Congresso da APS, encontra-se publicada na obra de: (Alice Tomé, Teresa Carreira e Francisco Carreira: 2000).

² Alice TOMÉ é Socióloga, Doutora em Ciências da Educação, Professora, Directora da revista «*Anais Universitários-Ciências Sociais e Humanas*» da UBI, Coordenadora do programa SOCRATES/ERASMUS, departamento de Sociologia da Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal. (Contacto Alice Tomé <<http://www.ip.pt/~ip204453/index1.htm>> E-mail: <atome@alpha2.ubi.pt>).

³ Teresa CARREIRA é Socióloga, Doutora em Ciências da Educação, Professora, Directora da revista «*Educação, Indivíduo, Sociedade (EIS)*» e do Laboratório de Sociologia da Educação (LSE), Departamento de Ciências da Educação da Universidade do Algarve, 8000 Faro. Portugal.

(Contacto: Teresa Carreira <<http://www.ip.pt/~ip204453/index.htm>> e-mail: <tcarrei@ualg.pt>)

⁴ Luís de Camões, Os Lusíadas, Canto VII, 14.

e assim os imortalizar. Este fenómeno marca na actualidade a paisagem portuguesa.

O emigrante que se estabiliza no estrangeiro torna-se, à medida que os anos vão passando, membro de duas comunidades. Passadas uma ou duas gerações os portugueses fundem-se no povo de acolhimento, mas o sentimento de pertença ao seu torrão natal fica *ad vitam aeternam*. Os Monumentos ao Emigrante construídos recentemente, em Portugal, para os homenagear espelham a alma de um povo lutador, trabalhador, fazedor de mitos que, pelas mais variadas razões, não hesita em dobrar fronteiras. Esse *culto* de uma *ausência-presença* é o símbolo de um sonho permanente dos que partem e dos que ficam. Os mitos são lusitanos, portugueses ou emigrantes?

Qual é o significado e a função social de tais Monumentos? Será um retorno aos valores sagrados do passado ou a sacralização do presente que quer criar novos mitos de especificidade na *era* da globalização? Que simbólica se pode ler na *Arte ao Emigrante*? Quem foram os protagonistas desta iniciativa? Quem sentiu a necessidade de transformar o Emigrante em herói, em mito moderno?

Portugueses de fora

Muitos são os portugueses e lusodescendentes espalhados por todos os Continentes e com peso representativo assinalável, em cerca de 120 países do mundo. Os Portugueses de fora são hoje cerca de quatro milhões e meio. Os países de mais forte presença portuguesa são o Brasil, a França, o Canadá, os EUA e a África do Sul. A diáspora portuguesa teve muitas facetas ao longo da história. O facto das correntes migratórias serem, com mais ou menos intensidade, quase permanentes durante séculos, exige particular atenção no estudo das migrações. Não aderimos à interpretação da fatalidade ou do destino de uma parte do povo. Estas reflexões não são um estudo sobre a emigração portuguesa em geral, mas uma análise da sua memória através da arte, mais propriamente da escultura e deve entender-se igualmente este trabalho como uma contribuição para a descoberta e a compreensão de um fenómeno de longa duração que tem uma filosofia própria, e hoje se expõe em praça pública para honra e glória das comunidades portuguesas que vivem fora do país e que preenchem uma grande parte das suas actividades sociais a honrar e a lembrar Portugal e as suas gentes.

Esta arte pode ser interpretada como forma de reconhecimento de uma parte da história nacional que se desenha extramuros. O triunfo pessoal de um dos membros da comunidade, esteja ele onde estiver, é também triunfo para os que vivem no país. A profunda ligação dos Portugueses com a sua terra de origem é bem conhecida, e por poucos povos igualada. As partidas, em vez de enfraquecimento, geram fertilidade, força, esperanças, emancipações. Também por isso, o objectivo de Portugal nunca foi o de suprimir a emigração mas de prestar homenagem aos que são capazes de deixar o seu poiso e voltar mais gloriosos. É este imaginário que serve de pano de fundo a estas nossas reflexões.

Partidas e chegadas

«Ah, Seja como for, seja por onde for, partir!
Largar por aí fora, pela ondas, pelo perigo, pelo mar,
Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstracta,
Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,
Levado como a poeira, pelos ventos, pelos vendavais!
Ir, ir, ir de vez!⁵.»

Os diferentes vestígios encontrados pelos arqueólogos – dólmenes e outros monumentos megalíticos existentes em Portugal – permitem-nos afirmar que o território é berço de um caldeirão de culturas que se foi formando pela passagem de raças muito variadas, vindas por terra e pelo mar. Em qualquer português pode muito bem circular sangue ibero, celta, lusitano, grego, cartaginês, romano, vândalo, suevo, alano, visigótico, árabe, e, é esta heterogeneidade de gentes e culturas que molda a nossa forma de ser e estar no mundo ou seja o sentimento de Portugalidade e Lusitanidade multifacetados.

As primeiras migrações portuguesas tiveram o seu início no século XV com a ocupação das praças marroquinas (Ceuta em 1415), com a descoberta e o povoamento da Madeira em 1420-1425, dos Açores em 1427 e, em seguida toda a costa atlântica: África, Índia, Brasil, América do Norte, Ásia e Austrália. Daí em diante a história portuguesa não mais poderá construir-se sem a sua parte de população viajante, sem os seus heróis navegadores ou descobridores. Assim, enquanto até à definição das suas fronteiras continentais, os heróis tinham sido homens de armas tal como Viriato, Afonso Henriques, Nuno Álvares Pereira, aqueles passaram depois a ser os homens viajantes ou homens de Letras que viajaram e exaltaram os feitos do povo: Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Fernão Mendes Pinto, Luís de Camões, Fernando Pessoa, Almeida Garrett (e muitos outros), todos andaram por fora do país.

A emigração é uma história de alegrias e sofrimentos, de partidas e chegadas. Parte-se para descobrir novas terras e gentes, mas também para trabalhar e melhorar a vida. Por questões económicas, políticas e, ou religiosas, ou simplesmente para a aventura..., de barco, de combóio, de carro, ou a pé, dá-se o Salto, para que a vida nunca mais seja a mesma, para contrariar o destino. Contactam-se novas civilizações, adquirem-se outros olhares sobre o mundo e outros conhecimentos práticos e científicos, aprendem-se novas formas de pensar e estar na vida, de interpretar a sua cultura e a dos outros, mas não se esquecem os laços com a terra natal e as suas gentes. O regresso faz parte do imaginário permanente mesmo quando este já não passa de uma utopia.

Embora o conceito de emigrante português, tal como hoje é entendido, seja contemporâneo do século XIX (após a independência do Brasil), já nos finais do século XVI, quando a população portuguesa era cerca de um milhão e meio, o país fazia estimativas da população que vivia fora. Mesmo que o fenómeno de partidas fosse constante não havia a prática de registar, nem as saídas, nem as entradas nos países de acolhimento, o que impossibilita o conhecimento de números fiáveis até a uma época mais recente.

Sabe-se que a partir do século XVII as grandes vagas migratórias se dirigiram essencialmente para o Brasil, em movimentos crescentes que só estabilizaram, e depois diminuíram, nos finais do século XIX, quando os portugueses começam a procurar outros destinos: Estados Unidos, Canadá, Argentina, Hawai, Guiana ...

Na primeira metade do século XX verifica-se um acelerar do processo para os destinos tradicionais. O principal país de destino continua a ser o Brasil. Na

⁵ Fernando Pessoa, in *Antologia Poética*, Editora Ulisseia, Lisboa, 1992, p.160.

primeira década do século XX registam-se médias anuais de 32.000 saídas por ano, na década seguinte ultrapassa-se a média de 42.000 saídas por ano, sendo 1912 um ano de excepção com perto de 90.000 saídas (88.929).

Referindo-se a este assunto, Joel Serrão (1982) sublinha o facto de só haver registos mais ou menos fiáveis da emigração portuguesa a partir de meados do século XIX (1855), logo que, no Brasil, se começam a registar os imigrantes portugueses. Entre 1855 e 1973 emigraram, legalmente, 3.174.750 portugueses do continente. Em todo o período que estamos a considerar, a emigração real foi sempre superior à legal.

Na segunda metade deste século, a partir da década de 50 a emigração muda de rumo e vira-se para os países que lhe são próximos, na Europa. Se até esta altura se cruzavam os mares em busca de melhoria das condições de vida, tradição que se mantinha desde o início da época dos descobrimentos, agora é altura de atravessar os Pirinéus, rumo a vários países do continente europeu. Os destinos principais são França, Bélgica, Suíça, Luxemburgo, Holanda, Inglaterra, Alemanha e Espanha. Neste leque de destinos merecem especial destaque a França que conta actualmente perto de 800.000 portugueses, a Alemanha com cerca de 170.000, a Suíça com perto de 160.000, o Luxemburgo com cerca de 60.000.

Em todas as épocas foi sempre a parte norte de Portugal que forneceu o maior contingente de saídas do país. Embora a Europa tenha sido o principal destino nos últimos cinquenta anos, os Estados Unidos, o Canadá e o Brasil, continuaram a ser grandes países de acolhimento, especialmente para as populações insulares.

À emigração do pós anos 1950 obedeceu a uma dinâmica específica, numa Europa em reconstrução, parcialmente destruída pela 2ª Guerra Mundial. Os governos de alguns países carênciados de mão-de-obra, recorrem ao estrangeiro para suprir as necessidades sentidas. Portugal torna-se, juntamente com outros países, fornecedor de mão-de-obra. Nesta fase distinguem-se diferentes tipos de emigrantes: os emigrantes legais, no início solicitados pelos países de acolhimento, possuidores de alguma qualificação profissional, com destino certo e trabalho garantido nas obras públicas e outros serviços; alguns recebem carta de chamada com a ajuda de outros que partiram primeiro e proporcionam as condições de partida aos familiares e amigos. Outros tornam-se emigrantes clandestinos, também classificados de «franceses de pega ou de champignês», vão na onda do destino.

Enquanto a emigração portuguesa - a salto - clandestina, dos anos 1960, tinha como principal destino a França, onde era depois relativamente fácil arranjar papéis e trabalho, mas muito difícil aos clandestinos encontrar locais aceitáveis para residir, num primeiro tempo viveram bairros degradados onde encontravam rapidamente amigos que os ajudavam a dar um rumo à vida, depois de terem sido fortemente explorados pelo passador e o engajador.

Era ainda com esse grupo de amigos que eles aprendiam a dar os primeiros passos na construção de um projecto para melhorar a sua vida e a sua imagem na sua terra natal e para aprenderem as primeiras normas sobre a cultura de acolhimento.

A emigração clandestina, nos anos sessenta, chegou a ultrapassar, em muito, o número dos emigrantes legais: Cerca de 61% davam o salto. A grande diferença, relativamente às emigrações anteriores, é que estes partiam com projecto de retorno à Pátria. As distâncias sendo menores, havendo comboios, carros, camionetas, a ida não era um projecto sem retorno, e a ligação às origens mantêm-se intensa.

Hoje uma parcela significativa dos que emigram são trabalhadores provisórios, sazonais em países como a Suíça, a Alemanha ou outros.

As ondas migratórias portuguesas foram diminuindo mas não acabaram e, nos anos noventa, a média anual de saídas ronda os 30.000, sendo em 1998 de 22.000 (menos 40% que no ano anterior). Destes vinte e dois mil, quinze mil optaram pela Europa (França, Alemanha, Suíça). Não se sabe ao certo quantos regressam definitivamente a Portugal, uma vez que, com a livre circulação deixou de haver esses registos.

Nação peregrina deste povo andarilho

«Eram de várias Terras conduzidos,
Deixando a pátria amada e próprios lares⁷.»

Este trabalho foi inspirado pelas esculturas dedicadas ao emigrante contemporâneo. Mas, não podemos esquecer que, as migrações das descobertas geraram um estilo próprio, e uma cultura bem específica, tanto do ponto de vista literário, como arquitectural, como das diferentes ciências.

Os monumentos do tempo das Descobertas contam-nos a história do sonho e da esperança que há séculos os portugueses projectam em diversas partes do globo. Um dos objectivos deste trabalho é também mostrarmos como os monumentos actuais dedicados ao emigrante moderno têm uma dimensão cultural, social, histórica, antropológica, sociológica e educativa, diferente dos que inspiraram os monumentos aos navegadores, colonizadores ou empreendedores do séculos XVI, que só num sentido muito alargado se poderiam ou podem considerar emigrantes, pois que, eles não partilhavam as fraquezas do conceito actual de emigrante, e se inscreviam num contexto nacional de desenvolvimento, expansionista, do qual estão fora os emigrantes modernos.

A emergência dos monumentos ao emigrante contemporâneo não está desligada de uma parte da história portuguesa que há séculos é construída nos vários continentes. Podemos afirmar que, os primeiros monumentos de homenagem às migrações portuguesas foram os padrões, que, a partir de Diogo Cão⁸, os Portugueses colocavam para assinalarem a sua passagem e também a sua soberania sobre as novas terras encontradas.

Esses pilares de pedra com as armas reais e a cruz de Cristo, que acompanharam a época dos descobrimentos, estão carregados de simbolismos e significados. Uma pedra com dois símbolos e poucos dizeres – às vezes sem nenhum - transmitem e transmitem uma filosofia de poder político, económico, social e religioso destas migrações. As armas representam o poder real (obediência ao rei e ordem social bem hierarquizada), que por sua vez tem implicações económicas, ao afirmar a soberania sobre as terras. A cruz representa a dilatação da Fé Cristã naquelas paragens de que os novos emigrantes eram portadores.

⁶ Recordemos que durante a época de 1975-1980, devido à descolonização, e por isso ao regresso dos *retornados* e outros emigrantes o número de entradas excede o de saídas de portugueses. Isso deve-se igualmente ao maior controlo das fronteiras europeias e a uma emigração quase fechada para os habituais países da Europa.

É a partir dessa época que Portugal se começa a ver e a ser visto como país receptor de mão de obra e vai ter também os seus *clandestinos* os seus bairros *sensíveis* e outros problemas derivados de populações estrangeiras a integrar na massa social. Mudam os destinos de emigração, muda o projecto quanto ao retorno, mas toda a emigração traz consigo mudanças sociais, económicas e culturais.

⁷ Luís de Camões, Os Lusíadas, Canto III, 24.

⁸ Por ordem de D.João II, Diogo Cão foi ordenado para a importante viagem que se destinava a encontrar a passagem para o Oceano Índico (1482-1483) e, pela primeira vez, seguiam a bordo os Padrões, primeiros monumentos com símbolos nacionais portugueses, feitos de granito português, destinados a ser colocados nas terras descobertas.

A diáspora, a que os descobrimentos deram origem, ficou perpetuada em várias obras e monumentos nacionais: o sentido dominante dos Lusíadas de Camões é homenagear os Portugueses e os seus feitos num mundo novo que eles estavam a descobrir e a construir.

O chamado século de ouro português, 1415-1515, marcou profundamente a história da arte portuguesa. O manuelino, é o termo que na arte se identifica mais com Portugal. Junto ao rio Tejo podemos contemplar várias obras inspiradas na epopeia marítima nacional e nessa arte do ornamento. A Torre de Belém, único monumento do género, edificada no Tejo entre 1515 e 1521 por Francisco de Arruda. A Torre significa a vigilância, a unidade que tanto ajudou o país na construção de uma identidade específica, ela é hoje emblema da Capital portuguesa.

Por incumbência de D. Manuel I, o Mosteiro dos Jerónimos que data do início da era quinhentista 1502-1520, é uma jóia da construção gótica com ornamentos manuelinos sob a direcção de Diogo Boytac e arquitectura de Juan del Castillo.

Também, em Belém, junto ao Tejo, para comemorar os 500 anos da morte do maior impulsionador dos descobrimentos, o Infante D. Henrique (1394-1460), se inaugurou, em 1960, o Padrão dos Descobrimentos sob a direcção do arquitecto Cottinelli Telmo e do escultor Leopoldo de Almeida. Este Padrão, em forma de caravela avançando nos mares, transporta as armas de Aviz levando à sua proa o Infante D. Henrique, ladeado por duas alas, em forma de rampas confluentes representando trinta figuras da epopeia portuguesa: Reis, Religiosos, Navegadores e Guerreiros...

António Soares dos Reis, (1847-1889), que na Segunda metade do século XIX, imaginou e realizou a obra escultórica O Desterrado, estava provavelmente a pensar nos emigrantes-exilados por razões políticas.

Também ao nível da pintura a emigração inspirou José Malhoa (1885-1933), Domingos Rebelo (1891-1975) e outros.

E, quando parecia já não se encontrar tanta razão para falar de país de emigrantes, eis que nasce uma nova forma de homenagear estes novos descobridores, por vezes, desterrados, expatriados, exilados, emigrados - parte da Nação peregrina deste povo andarilho, construindo-lhes monumentos.

Podendo dizer-se que, desde há cerca de seis séculos os portugueses vêm homenageando os seus migrantes e navegantes com monumentos que atestam as migrações para as mais longínquas paragens do planeta, mas a figura sublimada pelos monumentos actuais não simboliza o imaginário anterior. O actor colectivo agora representado pouco tem a ver com o Herói do tempo das Descobertas. Ele representa, isso sim, a poeira do fim dos Impérios europeus.

Horizontes multifacetados e transfronteiriços:

Iremos apresentar-lhe alguns dos Monumentos ao Emigrante que analisámos, entre os muitos que povoam a paisagem portuguesa, e sem querermos desvalorizar nenhum deles porque todos são riquíssimos na sua simbólica mas, por ter características muito específicas começaremos pelo Monumento ao Emigrante de Terras de Bouro. Contrariamente aos outros monumentos, localiza-se fora do aglomerado habitacional, em plena Serra do Gerês, entre a fronteira de Portugal e Espanha. Este grupo escultórico tem a particularidade, em nosso entender, de representar as diferentes fases da emigração: a legal, a clandestina e a familiar, sendo por isso muito rico em simbologias.

Tendo em conta as próprias palavras do Presidente da Câmara Municipal de Terras de Bouro, o monumento "é não só uma homenagem ao emigrante do Concelho de Terras de Bouro, ou do distrito de Braga, ou mesmo do Norte do País, é antes de tudo, uma homenagem a todos os homens e todas as mulheres

Portuguesas de todas as épocas. É uma homenagem aos que partiram e aos que ficaram!”

Trata-se de uma escultura em Bronze, obra do escultor A. P. Pacheco, datada de 1981. Está localizada no limite fronteiriço onde começa Portugal e acaba a Galiza, ou vice-versa, na Fronteira de Portela do Homem. O espaço foi escolhido pela Câmara Municipal de Terras de Bouro. Este local carrega o simbolismo dos Heróicos Búrios, e de tantos outros que com a sua força e resistência tenaz, contribuíram para a fundação da nacionalidade portuguesa.

O monumento é constituído por um bloco formado de pequenas pedras de granito, das serranias do norte português, agregadas umas às outras. Sobre este estão apoiadas as nove figuras em bronze, que a imaginação pode transformar em dez se tivermos em conta a semelhança da mãe com uma mulher que leva um bebé dissimulado ao colo. O monumento evoca os diversos tipos representativos dos diferentes grupos que optaram por procurar outras paragens por esses novos mundos.

O “rochedo” dá corpo ao conjunto principal terminando numa composição de duas figuras, ou, se quisermos três, se tivermos em conta o imaginário bebé de colo nos braços de uma mulher. Uma mulher e um Homem com a mesma altura e dimensão, colocados portanto em situação de igualdade mas olhando em sentidos opostos, dando a ideia de que um olha para o futuro e outro para o passado, ou mesmo que um quer partir e o outro ficar. Embora a grande massa migratória tenha sido representada pelo sexo masculino muitas foram as mulheres que, mesmo com os filhos nos braços, deixaram o país em busca de outras paragens.

A mão da mulher crava-se nas costas do homem como uma garra não querendo largá-lo, o rosto exhibe uma expressão sofrida e distante, pressentindo as dificuldades do novo projecto de vida para a família.

O elemento masculino, enlaçando a mulher e o bebé, denota uma tristeza carinhosa reflectida através dos olhos fechados e do rosto colado ao ombro dela.

Mais a baixo, à frente do monumento, cinco figuras masculinas jovens podem simbolizar uma primeira corrente migratória, a legal, aqueles que partiam com destino certo, e com projecto organizado. Um olhar atento permite detectar nos seus rostos as expressões de esperança, desafio e confiança, demonstrativas da força de carácter do povo português, que ao sentir a necessidade de fechar a porta, parte confiante em busca de um futuro melhor.

Em contraste com as figuras anteriormente descritas que partem com as malas bem visíveis e aspecto geral confiante, estão representadas mais duas figuras, aparentemente também masculinas, que, espreitando por detrás dos penedos com as suas malas semi-escondidas, evocam o emigrante ilegal. O salto de milhares e milhares de destemidos homens e mulheres. Não falta nos seus rostos a coragem e determinação, mas a elas mistura-se o medo e a insegurança do desconhecido, a nostalgia da partida e a saudade dos que ficam.

Totalmente custeada pelo Município e por escolha do mesmo, ali foi erigida, e ali era feita todos os anos uma festa que congregava portugueses e espanhóis, num são convívio fraternal. Porém, o Estado português, simbolizado pela direcção do parque Nacional da Peneda Gerês, proibiu a sua realização, alegando que destruía a reserva, prejudicando o ambiente envolvente. Já há nove anos que a mesma não se realiza. Apenas os Representantes dos Municípios de Terras de Bouro e da Província espanhola limítrofe, Ourense e Lobios, ali se deslocam anualmente para realizar uma cerimónia simbólica. Esta homenagem a todos os homens e mulheres que com a força da coragem e o sonho de uma vida melhor, partiram das suas terras, deixaram os seus que os viram partir, com as lágrimas nos olhos, mas o coração animado pela esperança de um rápido regresso, que tantas vezes não chega a acontecer, é um acto de solidariedade entre os que partem e aqueles que ficam.

Por todas estas razões este Monumento ao Emigrante, de Terras de Bouro, é portador da simbólica Ibérica, transfronteiriça e ainda da interculturalidade e do cosmopolitismo emigrante.

De mestres do salto à amizade universal

Os Monumentos ao Emigrante continuam a povoar a paisagem portuguesa e as acções em honra destes heróis universais não pararam e um desses Monumentos recentemente inaugurado é o do Sabugal. Este acto teve lugar no dia 25 de Abril de 1997, na Avenida do Emigrante, num grande largo relvado e ajardinado. Este foi inteiramente financiado pela edilidade Autárquica sabugalense que, para a sua inauguração, organizou uma festa simbólica a que assistiram os membros da Câmara Municipal, das Associações locais, outras individualidades, os emigrantes e o público em geral. A estátua é da autoria do escultor Carlos Henrich de descendência Brasileira, mas de nacionalidade Polaca.

A Câmara do Sabugal quis perpetuar o carinho que merecem os heróicos franceses de Pega, mestres do Salto e não salto, aventureiros destemidos que, por caminhos a desbravar, se foram noutros mundos fixar.

Tal como nos tempos pré-históricos, as gentes do Cão gravaram as suas emoções e a simbologia na natureza da pedra, assim, agora se inscreve esta mensagem de carinho dedicada à emigração na pedra da região, o granito. Nenhum outro material poderia representar melhor estes grandes construtores numa obra tão simples mas tão rica em simbologia. No sólido granito pode ler-se:- Ao Emigrante, o abraço amigo.

A mensagem da estátua é fraterna e simboliza a igualdade e carinho entre os que partem e os que ficam, em nada se distinguindo qual das figuras está a chegar ou a partir. As duas figuras abraçadas têm formas iguais. Aqui, o símbolo da emigração é fraternal, só a partilha e a amizade estão representadas. As figuras completam-se parecendo dizer que a amizade é como a saudade, não parte nem fica, existe para sempre. Os que emigram continuam a fazer parte integrante dos que ficam por cá.

Bem à maneira simples das gentes da região, não se nota neste monumento nenhum sinal de estatuto social, nem de agressividade, de ostentação, de tristeza ou alegria. O sentimento capaz de ser interpretado é a fusão de amizade entre as duas figuras. A representação, não é sensual, é pura. Não se atendeu ao condicionalismo do sexo das figuras, nem da sua indumentária. A beleza artística, está em ter conseguido representar a história da emigração num simples gesto de amizade... Colocada numa Avenida que tanto é saída como entrada, a estátua está num local harmonioso e também de grande simbologia. A entrada de qualquer povoação é sempre um espaço mítico assim como a representação social do acto de dar entrada em sua casa a estranhos. Este monumento abraça todos os que chegam a esta terra e em particular os seus emigrantes.

A arte, aqui, rompe com a simbologia da tristeza da despedida, com a clássica imagem do homem que emigra só, ou acompanhado com a mulher e os filhos. A dimensão estética está aqui toda virada para a amizade que transcende os limites daquele que fica ou parte.

De talhadores da pedra, ou *maçons* ao *mito* Emigrante

«O mito é o nada que é tudo⁹.»

Também nós quisemos compreender e interpretar o sonho da Arte ao Emigrante, em Portugal e, para isso tivemos que palmilhar o território de norte a sul do país. Queríamos sentir as vivências e o espírito português nessa representação em homenagem aos nossos emigrantes espalhados por todos os Continentes. Lisboa, cidade multicultural, sempre atenta a quem parte e quem chega, terra de marinheiros, estrangeiros e forasteiros, muito amada, onde metade dos residentes são migrantes, lá tem também o seu Monumento ao Emigrante, mesmo em frente aos Caminhos de Ferro, Estação de Santa Apolónia. Maravilhosa cidade, rainha do Fado e da Saudade¹⁰ tendo a teus pés o mar de palha que inspirou cronistas, poetas e artistas os teus emigrantes chegam no comboio bendito apressados cheios de histórias, novos saberes e culturas que vão partilhar com as gentes Lusas.

«E tu nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princesa,
Que edificada foste do facundo
Por cujo engano foi Dardânia acesa;
Tu, a quem obedece o Mar profundo,
Obedecestes à força portuguesa (...)¹¹.»

Quantos mais mundos houver, eles já estarão entre os primeiros, rijos, como a rocha, conhecedores das artes, abrindo a alma grande, para começarem a construção. Os descobridores quinhentistas, pelo cheiro da canela, dilataram a fé e o Império, em aventuras estelares, pela terra a dentro noutros países irromperam os emigrantes dos anos sessenta. Tal como o manuelino é um estilo carregado de simbolismos de viagens, assim os grupos escultóricos ou estátuas aos emigrantes do século XX lembram o labor democrático da construção da fraternidade entre todos os que já daqui partiram. São monumentos sem grandes ornamentos, só com os traços essenciais para demonstração da ligação entre os de lá e os de cá.

O lugar concedido às representações do emigrante funciona como um paradigma – mítico, lendário – do sonho humano. A ausência-presença do emigrante fazem lembrar o mito de D. Sebastião. Em muitos casos o retorno do emigrante acaba por não se tornar real mas alimenta um fértil imaginário. Tal como no mito de D. Sebastião, a função do mito emigrante é que a esperança não desvaneça. O que é paradoxal é que os monumentos existentes em honra ao emigrante, não são dedicados a heróis do passado, uma vez que, todos os anos saem do país muitos trabalhadores portugueses, e se continuam a levantar monumentos em sua honra, (ex. o dos Açores, 1999).

Não seria possível entender este fenómeno social sem analisar a origem da construção dos primeiros monumentos levantados no país em que muitos surgem a partir de ideias e do mecenato emigrante que quis marcar a sua ligação à terra de origem, a sua identidade Lusa, com a sua representação pública pela Arte ao Emigrante, em locais bem conhecidos e com história local.

Ao analisarmos os diferentes monumentos pelo país fora surge-nos constantemente a ideia do culto público que a grande emigração da época de

⁹ Fernando Pessoa, *idem*, p.36.

¹⁰ A Saudade é a aliança entre os que partem e os que ficam (...), é um sofrimento de apego a um país do qual ele espera pouco mas com o qual o emigrante sonha e está pronto a ajudar (...), traduz, numa certa forma, a consciência de ser português em perpétua procura dum algures (...), Cf. Teresa Pires Carreira e Maria-Alice Tomé, *Portugais et Luso-Français, T.1- Double culture et Identité*, CIEMI/l'Harmattan, Paris, 1994, pp.47-48.

¹¹ Luis de Camões, *Os Lusíadas*, canto III, 57

sessenta merece na sociedade portuguesa. Negar que estes novos heróis representam uma determinada emigração seria erro, uma vez que em séculos anteriores nunca, estes trabalhadores do povo tinham inspirados os artistas. Estes novos Monumentos representam pois a última diáspora portuguesa em pleno século XX.

A pedra granítica frequentemente utilizada, nestas obras, tem uma significação muito particular, uma vez que é um material de construção muito utilizado em Portugal e que os portugueses, dado as suas profissões, são, por vezes, identificados como talhadores da pedra, ou maçons.

É sabido que o emigrante é alguém inconformado com o seu destino. Para emigrar é preciso ser lutador e algo aventureiro. Se ele não perde grande coisa quando parte, pode, ao contrário, ser portador de boas novas no seu retorno e então tornar-se herói na sua terra. Figura algo paradoxal na medida em que tanto pode gritar pela renovação como pela conservação dos valores clássicos. Tem uma imagem bizarra, quando tudo faz para ser a figura central da cena na sua terra natal.

Uma multiplicidade de leituras sobre a arte contemporânea dedicada ao emigrante, são possíveis. A imagem de uma certa sociedade paternalista está bem patente nos monumentos. Há representação desigual quanto aos sexos. Assim, encontramos muitos monumentos com uma figura masculina só, mas não se encontrou nenhum com uma figura feminina sozinha representando a Comunidade Emigrante. Tal como nas descobertas, nos ofícios do mar, o imaginário migrante contemporâneo é sobretudo masculino.

Os monumentos ao emigrante são uma representação social portuguesa muito próxima do pensamento do povo. Os heróis da diáspora são homens e estão por isso quase sempre em primeiro plano, mesmo quando o monumento comporta várias figuras. Quem sai do país é portador de princípios, hábitos, costumes e cultura, bem característicos da Portugalidade, assentes no trabalho, na solidariedade e amizade onde a cidadania e humanismo caminham de braço dado, gentes que criam e fazem os princípios básicos em que assenta a Cultura Ocidental, espalhados pelo mundo, são os emigrantes míticos filhos de Portugal.

A identidade constrói-se transmitindo muitos desses sentimentos do imaginário social, transpondo para a escrita a linguagem mitológica e lendária cuja memória social e educativa não rompe com o passado mas tem em conta futuras formas de estar, viver, imaginar e educar.

Criaram uma forma própria de estar na vida, feita de experiências multifacetadas num entrelaçar de culturas, línguas, religiões, crenças e sistemas sociais que moldam a sua visão alargada do mundo, contribuindo para um Portugal plural, diversificado, tolerante, moderno e solidário.

Partem por razões várias, económicas, políticas, religiosas e outras, mas, no imaginário social português, estes sonhadores sem medo, foram vistos como heróis, dignos das mais variadas homenagens: padrões, torres, monumentos, estátuas, discursos (...). Emigrar é muito mais que um acto de coragem e ousadia, é força de vencer e desbravar o desconhecido, mestres do salto, com desejo de partir e regressar, com valores das gentes lusas há centenas de anos .

Apesar da fragilidade em representar uma acção através da Arte, uma vez que só depois de terminada se pode descrever e transcrever, os artistas conseguiram imortaliza-la como se estivesse terminada – ora a emigração continua. O que estes monumentos nos dizem é que a corrente desta emigração contemporânea se inverteu e passou a poder ser contada, representada e compreendida na Arte ao Emigrante. Os artistas propõem formas de imortalizar o povo mas só quando este já possui formas de organização colectiva da sua memória...

Estes monumentos actuais não são tributários de uma identidade pessoal, nem de uma só época, são sim, a afirmação da saudade, da dor, do esforço quase sobre-humano e também do triunfo de uma viragem do país neste fim de século. Essa viragem, deve-se, em parte, ao labor emigrante, à audácia dos que

deram o salto. Estas figuras não têm nome, mas isso não é um déficit de sentido, é um excesso. O emigrante tem, frequentemente, mais que uma identidade, vive entre várias culturas e várias representações sociais mas os valores nacionais do país de origem continuam enraizados e com laços estreitos a Portugal.

«Je crois que je suis un peu français et un peu portugais¹².»

O património cultural de um povo é constituído por milhares de traços que constituem a sua especificidade e que, na prática, mostram quais são os valores colectivos que o regem. A alma lusitana não compreende apenas as crenças e uma moral própria dos Portugueses, mas inclui também as experiências e o encaminhamento de uma identidade linguística e cultural que é a interligação entre a Lusitanidade e a Portugalidade.

«Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!¹³.»

Bibliografia

AMBRÓSIO Teresa, Ciências da Educação e Decisão nas Políticas Educativas, in *Decisões nas Políticas Educativas*, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE), Porto 1992, pp.9-19.

ARROTEIA Jorge, *Análise Social e Acção Educativa*, Universidade de Aveiro, 1998.

ATLAN Henri, *Com Razão ou sem ela. Intercrítica da Ciência e do mito*, Instituto Piaget, Lisboa, 1994.

BARRETO António (org.), *A situação social em Portugal, 1960-1995*, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 1996.

BERTHELOT, Jean-Michel, *L'intelligence du social*, PUF, Paris, 1990.

BOUDON Raymond, *L'Inégalité des chances. La mobilité sociale dans les sociétés industrielles*, A. Colin, Paris, 1973.

BOURDIEU Pierre, (sous la direct.) *La misère du monde*, Seuil, Paris, 1993.

CARREIRA Teresa et TOMÉ Alice, *PORTUGAIS ET LUSO-FRANÇAIS, T1: Double Culture et Identité*, CIEMI/L'Harmattan, Paris, 1994

CARREIRA Teresa (co-autora com) TOMÉ Alice, *PORTUGAIS ET LUSO-FRANÇAIS, T2: Enseignement et langue d'Origine*, CIEMI/L'Harmattan, Paris, 1994

CARREIRA Teresa, Lapso em Ciências da Educação, in *Livros de Portugal*. Publicação da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL) nº12, Dezembro 1994, pp. 14-17.

CARREIRA Teresa e TOMÉ Alice, Quebrar o «mito» do Silêncio (Portugueses em França), in jornal "O Emigrante, Mundo Português", Março, 1995.

CARREIRA Teresa, Identidade e Pertença: do individual ao colectivo, in *Anais Universitários, Ciências Sociais e Humanas*, nº7, Ed. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 1996, pp.323-333.

CARREIRA Teresa, Portugal: Vingt ans d'Espoir et Plus..., in *Cahiers d'Europe*, nº2, Éditions du Félin, Paris, 1997, pp.238-251.

¹² Cf. CARREIRA Teresa et TOMÉ Alice, *PORTUGAIS ET LUSO-FRANÇAIS, T1-Double Culture et Identité*, CIEMI/L'Harmattan, Paris, 1994, p.124

¹³ Fernando Pessoa, *ibidem*, p.149.

CARREIRA Teresa, Portugal: dialectique du système éducatif, son histoire et ses enjeux, in Teresa Carreira et Alice Tomé, (Eds.) *ÉDUCATION AU PORTUGAL ET EN FRANCE. Situation et Perspectives*, (Bilingue), Ed. L'Harmattan, Paris, 1998, 133-156.

CARREIRA Teresa, Professor Actor ou as duas Faces de Jano, in *Anais Universitários, Ciências Sociais e Humanas*, nº9, Ed. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 1998, 9-28.

CARREIRA-TOMÉ Francisco, Educação e Ciências da Educação: Reflexões Finais, in Teresa Carreira & Alice Tomé, (eds) *ÉDUCATION AU PORTUGAL ET EN FRANCE. Situation et Perspectives*, (Bilingue), Ed. L'Harmattan, Paris, 1998, 183-187.

CARREIRA Teresa (co-autora com TOMÉ Alice), Portugal: Éducation et Culture, une approche historique, in *Cahiers d'Europe*, nº3, Éditions du Félin, Paris, hiver 2000, pp.132-144.

CASTRO Ferreira de, *Emigrantes*, Guimarães Editores, 23ª Edição, Lisboa, 1986.

CORREIA Joaquim Manuel, *Memórias sobre o concelho do Sabugal*, Edição da Federação de Municípios da Beira Serra, Lisboa, 1946.

FORTUNA Carlos (org), *Cidade Cultura e Globalização*, Celta Editora, Oeiras, 1997.

GODINHO Vitorino Magalhães, *Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*, Arcádia, Lisboa, 1977.

JEUDY Henri-Pierre, *Les Usages sociaux de l'Art*, Ed. Circé, 1999.

LIMA C. Licínio, e SANCHO V. Amélia, Formação de dirigentes e Animadores Associativos, in *Forum* n.º3, 1989, pp.50-60.

MAFFESOLI Michel, *La conquête du présent*, Desclée de Brouwer, Paris, 1998.

MARTINS Oliveira, *Fomento Rural e Emigração*, Guimarães Editores, Lisboa, 1994.

MARTINS Moisés, *Para uma Inversa Navegação – O Discurso da Identidade*, Afrontamento, Porto, 1996.

MOREIRA Adriano, *Identidade Europeia e Identidade Portuguesa*, Câmara Municipal de Matosinhos, 1994.

MORIN Edgar, *Penser l'Europe*, Gallimard, Paris, 1987.

PERNIOLA Mario, *A Estética do século XX*, Estampa, Lisboa, 1997.

PEROTTI António, *Migrations et Société Pluriculturelle en Europe*, CIEMI/L'Harmattan, Paris, 1996.

READ, Herbert, *Educação pela Arte*, Edições 70, Lisboa, 1982.

ROCHA-TRINDADE Maria Beatriz, *Sociologia das Migrações*, Universidade Aberta, Lisboa, 1995.

RODRIGUES Adriano Duarte, *Comunicação e Cultura. A Experiência Cultural na Era da Informação*, Ed. Presença, Lisboa, 1994.

SANTOS Boaventura de Sousa, (org.) *Portugal - Um Retrato Singular*, Afrontamento, Porto, 1993.

SERRÃO Joel, *A emigração Portuguesa*, Livros Horizonte, 4ª edição, Lisboa, 1982.

SILVA (da) Agostinho, *Educação de Portugal*, Ulmeiro, Lisboa, 1996.

SILVA Domingos M. da, *Os Búrios*, Câmara Municipal de Terras de Bouro, 2ª edição, 1995.

TODD Emmanuel, *O DESTINO DOS IMMIGRADOS. Assimilação e Segregação nas Democracias Ocidentais*, Ed. Instituto Piaget, 1996.

TOMÉ M: Alice, *DOUBLE VIE D'ENFANTS BICULTURELS. L'ENSEIGNEMENT DE LA LANGUE ET CULTURE PORTUGUAISES*, Thèse de Doctorat, 1989, Paris, Publication Université de Lille III, (1989, microfiches) – ISSN-0294-1767.

TOMÉ Alice, (co-autora com) CARREIRA Teresa, *PORTUGAIS ET LUSO-FRANÇAIS, T1: Double Culture et Identité*, CIEMI/L'Harmattan, Paris, 1994

TOMÉ Alice et CARREIRA Teresa, *PORTUGAIS ET LUSO-FRANÇAIS, T2: Enseignement et langue d'Origine*, CIEMI/L'Harmattan, Paris, 1994.

TOMÉ Alice, Portugal: lieux de culte et de Culture, in *Cahiers d'Europe*, nº1, Éditions du Félin, Paris, Automne-hiver 1996, pp.91-101.

TOMÉ Alice, Dois idiomas, Duas Culturas, Dois Países: Luso-Franceses, um Desafio Multicultural, in *Anais Universitários, Ciências Sociais e Humanas*, nº7, Ed. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 1996, 313-321.

TOMÉ Alice, Introduction: *Educologie* ou les savoirs multiple, in Teresa CARREIRA et Alice TOMÉ (eds), *EDUCATION AU PORTUGAL ET EN FRANCE. Situation et Perspectives*, (Bilingue), L'Harmattan, Paris, 1998.

TOMÉ Alice, Portugal: éducation et recherche d'un modèle, in Teresa CARREIRA et Alice TOMÉ (eds), *EDUCATION AU PORTUGAL ET EN FRANCE. Situation et Perspectives*, (Bilingue), L'Harmattan, Paris, 1998.

TOMÉ Alice, Vivências e saberes em educação. Ordem social: o *milagre* do porvir, in *Anais Universitários, Ciências Sociais e Humanas*, nº9, Ed. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 1998, 41-52.

TOMÉ Alice, Sociologia da Educação. Olhares sobre o Desporto, in *VII Conferencia de sociología da la educación*, Murcia, Espanha, (pub. Internet, google), 1999.

TOMÉ Alice, CARREIRA Teresa, CARREIRA Francisco: *MITOS ARTE EDUCAÇÃO. Monumentos ao Emigrante em Portugal*, Produção das Edições 70, Lisboa, 2000

TOMÉ Alice et CARREIRA Teresa, Portugal: Éducation et Culture, une approche historique, in *Cahiers d'Europe*, nº3, Éditions du Félin, Paris, Hiver 2000, pp.132-144.

TOURAINÉ Alain, *O Retorno do Actor*, Instituto Piaget, Lisboa, 1996.

VENÂNCIO José Carlos, (Coord.), *O Desafio Africano*, Vega, Lisboa, 1997.

VILBROD Alain, *Devenir éducateur. Une affaire de famille*, L'Harmattan, Paris, 1995.